

Comunicação: Revista Seleções, Subjetividade e ideologia

Roberto Ramos

Professor doutor da Faculdade e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUCRS

Resumo

A Revista Seleções é uma insígnia do Jornalismo Internacional. Destila-se na idolatria da informação e do entretenimento. Seu estilo discursivo possui um senso apenas jornalístico? Será apenas isso?

Palavras-chave: sujeito; ideologia; comunicação

Abstract

The Reader's Digest is an insignia of international Journalism. It's distilled in the workshop of information and entertainment. It's discursive style do have an informative sense? Is that just it?

Keywords: Subject; Ideology; Communication.

A Revista Seleções possui uma trajetória admirável. Começou a circular, com a sua edição em inglês, em 1922. São 82 anos, a serviço da informação e do entretenimento. É um ícone do fluxo internacional da Comunicação, em sua versão impressa.

A Seleções oferece uma pluralidade de possibilidades de estudo. É um objeto relevante, em seus diferentes vértices. O caráter metanímico da Ciência requer delimitações. Por isso, as características discursivas e as questões ideológicas são pertinentes. Possuem relevância, para fixar a importância da revista, em sua essência de complexidade.

O presente ensaio, em suas limitações, próprias de seu perfil histórico, sustenta-se nos pressupostos teóricos de Louis Althusser e Roland Barthes. A sua tessitura metodológica pronuncia-se pela dialética histórico-estrutural, através de uma pesquisa qualitativa. É o resultado do projeto de pesquisa, “Comunicação, Discurso e Ideologia: a Subjetividade na Revista Seleções”, iniciado em 2002 e concluído em 2003.

Seleções e Discurso

O desenvolvimento da Comunicação reescreve, a cada momento, o texto e o contexto das relações sociais. Concede um novo sentido às noções de tempo e de espaço. Globaliza a hegemonia do capitalismo.

A globalização, como a internacionalização da hegemonia do capitalismo, é indício de uma variante. Não há como considerá-las, sem mencionar o Aparelho Ideológico de Estado (AIE) de Informação.

A globalização é filha diletta do AIE de Informação. Nasceu, embrionariamente, através da hegemonia cultural, tecida pela imprensa e, hoje, avalizada pela hegemonia dos meios eletrônicos, sobretudo, pelo papel da televisão.

O AIE de Informação, em suas diferentes peças, impressa e eletrônicas, significa uma instância essencial do Poder. Simbiotiza uma personalidade, singularizada, de instituição. É uma empresa, que produz e reproduz o econômico e o ideológico, como uma moeda única.

A Ideologia assume a condição de uma mercadoria, com duplo valor de troca. É legitimadora das estruturas sociais e, ao mesmo tempo, produz mais-valia. Dá lucro. Significa a própria fisionomia, sublimada do conceito de capital.

O perfil empresarial permeia os modelos estatais e comerciais, mesmo com as variações de objetivos e de recursos. São unidades produtivas, inseridas nas relações de produção vigentes. Ainda que tenham diversificações, estão unificadas pelo vérti-

ce do mercado. Procuram universalizar os seus discursos, perseguindo a quantificação dos receptores.

Outra variável que torna gêmeos univitelinos os modelos estatais e privados, é a propriedade. São empreendimentos que envolvem alta tecnologia. Reivindicam a onipresença do grande capital, com presença de poucos donos, com um perfil monopolístico.

A face da Globalização ganha visibilidade, com a televisão. A Cable New Network (CNN) é um ícone dessa metamorfose. É uma emissora a cabo norte-americana, com audiência mundial. Notabilizou-se, com a cobertura exclusiva da Guerra do Golfo Pérsico em 1991 e representa a imagem da Aldeia Global, profetizada por McLuhan (1969).

De outra parte, o AIE da Informação, impresso, no Brasil, apresenta um desenvolvimento gradual a partir do século XIX. Encontra algumas dificuldades contextuais, manifestas sob o formato de uma economia dependente, escravagista e sustentada pelo analfabetismo. Para ser um empreendimento, com alto custo, e dependente de uma economia estável, a Revista é um meio um tanto tardio. A pioneira foi *As Variedades*, surgida e desaparecida, em 1812, dedicada à Literatura.

O meio granjeará consolidação, em sua singularidade discursiva no século XX. Em *Kósmos*, criada em 1904, como revista cultural, o discurso jornalístico começa a se desenhar, através da Reportagem.

Nas páginas de *Kósmos*, João do Rio, pseudônimo jornalístico de Paulo Barreto, foi um dos primeiros a buscar a notícia nas ruas. “Não havia, por exemplo, preocupação com a objetividade. Mas a narrativa trazia já um indispensável ingrediente do gênero, a fiel observação da realidade, além da disposição do autor de contar o Brasil aos brasileiros” (2001, p. 41).

A Revista *Seleções* foi fundada por Dewitt Wallace, nos Estados Unidos, em 1922. O seu perfil possui traço marcante. É o objetivo, quase sacralizado em mandamento editorial, da concisão.

Walace (1942, p. 17) nutria uma concepção editorial sobre o papel da revista:

(...) As pessoas, muito ocupadas, mas ávidas de saber, reservariam um bom acolhimento a um serviço da escola de leituras, que pusesse à disposição delas o melhor, mais útil e mais agradável de quanto fosse, aparecendo impresso, e que, sem o veículo dum tal serviço, ficaria talvez, fora de seu alcance.

Mas não bastaria a simples seleção: seria, muitas vezes, preciso

fazer a condensação do material. A leitura, mais excelente, redonda, com freqüência, em tarefa, devido ao peso morto dos excessos verbais (...).

Ele (1942, p. 18) redigiu uma carta-circular, em Nova Iorque, em “julho de 1921”, apresentando a revista. Pedia, ainda, as assinaturas “fundador”, aceitas, sem pagamento prévio. No ano seguinte, enviou os primeiros cinco mil exemplares aos assinantes-fundadores.

A expansão foi gradativa. A edição, em espanhol, ocorreu em 1940. A portuguesa aconteceu em 1942. Tornou-se, com apenas cinco números publicados, uma das “revistas mais populares do Brasil” (1942, p. 21).

O êxito foi debitado a duas iniciativas, tomadas sob o ponto de vista empresarial. O trabalho e os custos “correm por conta da revista-mãe” e a edição portuguesa aceita “um número limitado de anúncios” (1942, p. 22).

O editor-chefe de Seleções, no Brasil, Sérgio Charlab (2000, p. 1) observa o objetivo fundamental da revista.

A principal diretriz de nossa revista é o constante destaque, dado ao poder de cada indivíduo. Mostramos que as maiores conquistas e idéias do homem, sua fé, coragem e esperança, muitas vezes, surpreendente, podem ser notadas na conduta de pessoas comuns. Refletimos o ceticismo universal quanto a esperar que o governo resolva nossos problemas. Proclamamos a inesgotável promessa, implícita na autodeterminação e na iniciativa individual. Os leitores confiam em nós quanto à veracidade e precisão de fatos, quanto à lógica e ao bom senso (...)

A questão da valorização do indivíduo alude uma das teses básicas do Neoliberalismo. É compatível, nesse sentido, se interrogar a respeito do engajamento ideológico de Seleções. Eis uma alusão pertinente, com tons de verossimilhança.

Charlab (2000, p. 1) responde com freqüência, à pergunta: “Qual, a fórmula de sucesso de Seleções?”.

Ora, nossas histórias vêm do dom da experiência humana - árdua, comovente e divertida (...) estamos na vanguarda dos principais assuntos na medicina, saúde, meio ambiente, direitos huma-

nos. Levamos os leitores além das manchetes, até a causa e o significado dos acontecimentos mundiais (...) é essa voz clara - nunca persuadindo, sempre mostrando os frutos - que faz com que os leitores nos diferenciem de qualquer outra revista.

O editor-chefe, em seu repertório de idealidade, revela uma singularidade. Não faz distinção entre a factualidade e o fato discursivo. Tal ritual busca se desenredar da postura ideológica, por intermédio da denegação.

O clamor pela objetividade jornalística, em nome de uma pretensa “neutralidade”, é sintomática. Indica uma forma de conceber o conhecimento pelas medidas e desmedidas do positivismo, projetadas na questão jornalística.

A conjugação do positivismo com o neoliberalismo, encontra-se estabelecida. Sublinha a pertinência de questionar a revista, por intermédio de suas posturas ideológicas, relacionadas, precocemente, com a globalização.

Agenciamento histórico-estrutural

Foram estudadas nove edições de Seleções, de dezembro de 1999 a setembro de 2000. Em cada edição, houve o exame da capa e de sua matéria mais importante, considerando a produção de sentido em níveis verbal e não-verbal.

A primeira matéria, de dezembro de 1999, “Milênio de que?”, de Paul Johnson, foi um artigo. Revelou-se, como uma manifestação do Gênero Opinativo. As demais foram Reportagens, com diferentes estilos, mas pertencentes ao Gênero Interpretativo.

Os Gêneros Opinativo e Interpretativo, em suas respectivas particularidades discursivas, apresentaram uma invariância. Foi a presença constante, supra-espacial e supratemporal do *fait divers*, como interpelação sensacionalista.

Na invariância do *fait divers*, houve outro invariante. Foi a antítese, como significante hegemônico. Determinou, em sua onipresença, a repetição, atuando como significante complementar.

Barthes (2000, p. 95) dimensiona o papel da antítese:

(...) Vê-se, assim, que a Antítese não é apenas uma figura enfática, isto é, em suma, um simples cenário do pensamento; é, provavelmente, outra coisa a mais; um jeito de fazer surgir o sentido de uma oposição de termos: e, como sabemos pelas explorações recentes da lingüística que é esse o procedimento fundamen-

tal da significação (...), assim, a Antítese se tornou uma 'ponta', isto é, o espetáculo mesmo do sentido.

O semiólogo (ibidem., p. 94) acrescenta:

O que é uma 'ponta'? É, se quiser assim, a máxima erigida em espetáculo; como todo espetáculo, este visa a um prazer (herdado de toda uma preciosista, cuja história já foi escrita); mas o mais interessante é que, como todo espetáculo também, mas com engenhosidade infinitamente maior, pois que se trata de linguagem e não de espaço, a 'ponta' é uma forma de ruptura: tende sempre a fechar o pensamento, com uma apoteose, com esse momento frágil em que o verbo se cala, resvala, ao mesmo tempo, no silêncio e no aplauso.

Além da antítese, Barthes (ibidem., p. 96), também, considera a repetição, como uma "ponta". Ele sublinha que alternar é um dos procedimentos da "ponta". O outro, que lhe é, muitas vezes, complementar, embora oposto, consiste em repetir.

A antítese e a repetição, como "pontas", são espetáculos imaginários. Interpelam pelo sentido de ruptura e de fechamento. São apoteóticas: eis os seus perfis sensacionais. Constituem-se, como expressões do *fait divers* de coincidência. Ambas rompem com a noção de história. Estão fechadas em um circuito metafísico. Decodificam o histórico, à luz do ahistórico, por intermédio de um sujeito absoluto - a fatalidade. Eis o espelho de sua apoteose.

O poder - libido dominante (Barthes, 1996) -, leva o sujeito relativo, sem muita dificuldade, a se reconhecer na apoteose do *fait divers*. Ali, o conflito é exposto em pele e osso, e resolvido ao melhor sabor do pensamento mágico.

O sujeito relativo, no caso o leitor de Seleções, se identifica, projetivamente, com os conflitos publicados, com solução imediata. Os seus conflitos inconscientes se transformam em conscientes na pele do Outro - os respectivos personagens.

O Eu e o Outro se desembaraçam de suas responsabilidades históricas. Não possuem culpa nenhuma. São desculpados pelo sujeito absoluto. A fatalidade é a explicação única e onisciente para todas as explicações e, inclusive, para o inexplicável.

O bônus do *fait divers* é a denegação - o negar reprimido (Freud, 1987) - da história objetiva e subjetiva. É possível regredir, engatinhando, em marcha-ré, ao narcisismo primário. É a fábula de Adão e Eva no paraíso midiático da primeira infância, sem

serpente e sem maçã.

O sujeito, em *Seleções*, tem uma âncora segura. É regressivo. Desfruta da condição de adulto, quando lhe interessa; e veste-se de fraldas, quando não é do seu interesse, em nome do Pai Maior - a fatalidade.

A *Seleções* é cuidadosa. O seu conceito de Sujeito é muito especial. Move-se pelos cordéis da consciência, que lhe dita os passos, os compassos e os tropeções existenciais.

É uma subjetividade, nutrida pelo imaginário - ilusão (Barthes, 1988). Exporta-se, como um alguém perfeito, articulado pela razão, equilibrada com a emoção. Os seus problemas são apenas externos: a natureza, quando lhe é hostil, a saúde, em risco, como ícone da morte, e os regimes comunistas, castradores das liberdades individuais.

Nesse sentido, o Sujeito possui algumas características bem particulares. Tem, na consciência, o seu reino, que determina as suas práticas. É pré-psicanalítico. Apresenta o figurino da subjetividade burguesa.

O Mito - uma forma de fala, que, através da conotação, legitima a sociedade burguesa (Barthes, 1993) -, está associado à absolutização da consciência. É processo de reprodução dos valores burgueses.

Através da consciência, como um paradigma determinante, *Seleções* informa o mundo, de acordo com as suas conveniências ideológicas. A sociedade capitalista é dada como o modelo real e, ao mesmo tempo ideal. Significa o cenário perfeito banhado pelas águas da harmonia.

Os Estados Unidos, apesar de *Seleções* circular em diferentes países, é o seu berço natal. Mantém os seus elos e vértices, com cumplicidade, e diga-se, de passagem, com fidelidade, com o Imaginário norte-americano.

Muitas de suas reportagens tem nos Estados Unidos, o seu cenário. Dele, são extraídos os seus personagens, em grande maioria. Mais do que isso: há toda uma apropriação imaginária do mundo, por intermédio das lentes americanas.

Se não é os Estados Unidos, é qualquer outro país, de extração capitalista. De preferência, deve ser de primeiro-mundo, porquanto, na visão de *Seleções*, só há primeiro-mundo, sendo capitalista.

Quando a abordagem do espaço parece contrariar tal tendência, ocorre o seu endossamento. Quando um país terceiro-mundista, como o Nepal se torna referência espacial, o enfoque não se perdeu de seu objetivo legitimador. É para mostrar, sem demonstrar, o atraso ou os perfis das vítimas do comunismo.

A insígnia do mal comunista possui um nome e geografia conhecida. É a China, que

não respeita as liberdades individuais em sua manifestação de religiosidade. Eis a personificação de Tánatos, pois o Eros é o capitalismo.

A absolutização da consciência não é fortuita, nem gratuita. É a forma de obter a dominação ideológica. A servidão se faz, exatamente, onde os sujeitos se têm como donos do nariz de suas liberdades. Fala-se em liberdade, em nome da servidão.

Assim, a denominação Guerra Fria precisa ser pronunciada, com muito cuidado. Não deve ser apenas um nome, para designar as disputas entre os Estados Unidos e a então União Soviética *a posteriori* da Segunda Guerra Mundial. O seu sentido, em sua verossimilhança, é bem mais amplo.

Em um sentido histórico, mais complexo, os Estados Unidos possuem uma invariância. Não deixaram de ter, em diferentes situações históricas, um inimigo público externo, um arquétipo de um algoz. Apenas mudaram os seus nomes.

A União Soviética já sincretizou tal papel de vilão. Após a sua extinção, o arquétipo não foi extinto. Tornou-se o Iraque na década de 90. Depois, em 11 de setembro de 2001, se tornou Bin Laden, como ícone do terrorismo, que derrubou as torres gêmeas. Virou também, o Afeganistão, e, na contemporaneidade, voltou a ser o Iraque.

Os Estados Unidos possuem um exemplar mecanismo de defesa. Projetam, sempre em um Outro tido como inimigo, a sua desmedida paranóia. No fundo, há nisso uma lógica. Eles têm a certeza de que são super-heróis e invencíveis apenas na ficção dos quadrinhos, no cinema e nas páginas de Seleções.

A Seleções não mede elogios a dois produtos do progresso capitalista. O desenvolvimento da Medicina é uma ode invariante. Ocorre tanto para o salvamento de vidas humanas, como, também, vale para a salvação da vida animal.

O progresso da Medicina é um argumento, marcado pela constância. Possui razão de ser. Representa uma conquista da sociedade capitalista conseqüente. Materializa o “bem comum”, como estereótipo, assumido, com ênfase, pelas simbolizações neoliberais.

O outro elogio soa, também, como um auto-elogio. É dedicado à Mídia, um significativo básico na semiologia do real. Institui-se, como um organismo singular cujas influências culturais e ideológicas estão a exigir complexas reflexões.

Em *Seleções*, a complexidade midiática adquire ares de inocência. É reduzida à linearidade, costurada por um elenco de legitimações, que beiram a mais profunda superficialidade.

A Mídia é decodificada por predições. Significa a instituição, própria dos regimes democráticos. Garante a transparência social, através da informação, como combustível da máquina social contemporânea. Reveste-se da mais pura neutralidade. Não

possui preferências ideológicas. Paira sob o bem e o mal, como um Superego social, que a todos denuncia, sem poder ser denunciada. Eis os seus traços divinais.

Não há dúvida de que a Mídia detém o monopólio da neutralidade. Apenas informa o quê acontece. Em seus espaços impressos e eletrônicos, existe democracia, porquanto se elogia e se critica. Ainda concede, com exagerada benevolência sacrossanta, o direito de resposta.

A Seleções pretende ser neutra. Julga-se acima de duelos políticos. Não possui comprometimentos ideológicos. Somente está a serviço da informação objetiva e do entretenimento sadio, para a produção do excelso “bem comum”.

É a revista, que, na sua discursividade jornalística, carrega a invariância do *fait divers*. Eis a sua interpelação sensacionalista que se reproduz nos mais diferentes gêneros jornalísticos, onde se assentam as suas informações e opiniões.

Tal afirmação pode ser lida, como a fisionomia do exagero. É uma generalização de pouco zelo científico, que busca atacar um paradigma do jornalismo mundial. Então, por que a necessidade de ser neutra?

Neutralidade é um mecanismo de defesa. Apresenta um vértice. É a necessidade de escamotear o seu teor histórico e o seu comprometimento com o sensacionalismo. A informação é uma mercadoria, agenciada pelo valor de troca, produzida por uma empresa capitalista.

A Seleções, nesse sentido, pronuncia em suas páginas, nos níveis verbal e não-verbal, um discurso singular. É o discurso encrático - da hegemonia, da doxa e da Mídia (Barthes, 1988).

O seu discurso encrático ganha singularidade, através de algumas invariâncias. Explora o *fait divers* como interpelação sensacionalista, como matéria-prima de suas informações e opiniões.

Todo o *fait divers*, conforme Barthes (1971), conduz à idéia de fatalidade. Apropria-se de uma factualidade histórica e, semiologicamente, a decupa, como uma produção metafísica. Tudo aos auspícios de um sujeito absoluto - a fatalidade.

Os sujeitos relativos, através do conceito de Seleções, não estão desalento. Dispõem de um espelho, onde devem se mirar e se reconhecer com o crachá de reflexos: a fatalidade, o divino milagreiro de Seleções.

Tais sujeitos estão libertos de culpa. Não possuem mais responsabilidade histórica. Estão de cabeça-feita. Aderiram, com livre arbítrio, ditado pelas suas consciências, à condição de eternos servos da fatalidade.

Toda a Ideologia - relação imaginária transformada em prática (Althusser, 1995) -, possui um sujeito absoluto. É um espelho ahistórico, que interpela, onde há o reco-

nhhecimento e a submissão. Tais práticas ocorrem nos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) - instituições plurais, privadas e públicas, que reproduzem a ideologia dominante (ibidem.).

A Seleções é uma peça do QUE de Informação - sistema midiático (ibidem.). É uma revista, fundada em 1922, nos Estados Unidos, por Dewitt Wallace. Começou a circular no Brasil em 1942. É vendida pelo sistema de assinatura. Pertence à empresa Reader's Digest.

Observou-se que o sujeito, em Seleções, está colado à exterioridade. Não possui mundo interior, nem se compromete com o autoconhecimento. É movido pelas decisões conscientes voltado, prioritariamente, pelo imaginário.

No discurso Encrático de Seleções, o sujeito é pré-psicanalítico. O inconsciente é reprimido. Não aparece no cenário da denotação. Encontra-se, semiologicamente, denegado do mostruário da explicitude.

O inconsciente habita a significância. Não é nomeado. Não merece referência denotativa. Todavia, é um fantasma da significância - o terceiro sentido, conforme Barthes (1990).

A significância se particulariza em Seleções. É o terceiro sentido, com características bem determinada. Possui onipresença. É obsessivo. Pode-se particularizá-lo como um sentido histórico.

Assim, Seleções reproduz a ideologia dominante. Interpela, através do *fait divers*, como matéria-prima do sensacionalismo. Enseja o reconhecimento, por intermédio do poder, como expressão regressiva do narcisismo primário. Estabelece, por consequência a sujeição, via mito, absolutizando a consciência, como centro das decisões humanas. Tudo à imagem e à semelhança de um sujeito absoluto - a fatalidade.

A Seleções cumpre uma performance admirável, como peça do AIE de Informação. Representa o mundo, de acordo com as matrizes ideológicas da sociedade capitalista, tendo o seu berço natal, como paradigma: os Estados Unidos.

A revista faz isso em 48 edições, em 19 idiomas, espalhadas pelo mundo. O que faz o seu editor Christopher Willcox argumentar: "Nós lidamos com o entretenimento e com informações, que atravessa fronteiras, assim nos tornamos universais (1999, p. 4).

O argumento é revestido de consistência. Revela que Seleções não é um AIE de Informação qualquer. Transcende ao espaço nacional. Transita em um espaço internacional.

Se Althusser pensou o AIE, no final da década de 60 do século XX, inscrito e circunscrito no espaço nacional, agora, a contemporaneidade parece afirmar outra coisa.

Roberto Ramos

Alguém pode contraditar que o AIE foi superado. A noção de Estado mínimo, como tese da ideologia neoliberal, a muitos olhos, derrotou a categoria althusseriana. As práticas estariam calibradas para a privatização de instituições públicas.

Nesse sentido, o imaginário poderia ter colocado o último epitáfio nas teses de Althusser. Afinal, o mundo mudou. As novas tecnologias alteram, a cada dia, as relações sociais e culturais, em uma revolução silenciosa.

Quem argumenta, com tal abordagem, resvala no equívoco. Não leu Althusser. Se o leu, não conseguiu compreendê-lo satisfatoriamente. Talvez, resida, aí, a percepção descalibrada.

A privatização não desautorizou a categoria do AIE. Pelo contrário, a avalizou, porquanto o AIE opera no reino público, mas, também no privado. A globalização, como hegemonia mundial do capitalismo, sustentada pela ideologia neoliberal, foi mais althusseriana do que Althusser poderia prever. Eis a dialética do real.

A globalização, em sua manifestação contemporânea, é indissociável dos AIE. Foi forjada, inicialmente, na superestrutura e, depois, se forjou na infra-estrutura, com a formação de blocos econômicos.

O processo superestrutural, em suas faces culturais e ideológicas, foi agenciado, em grande parte, pela complexidade do AIE de Informação. As suas peças impressas e eletrônicas foram legítimas motoserras, pondo abaixo as fronteiras dos nacionalismos.

Assim, não é veraz fechar os olhos para o papel de Seleções, aos seus 80 anos de circulação. Ela não é apenas filha diletta da globalização, mas, antes, também, uma de suas progenitoras.

A globalização não matou o AIE de Informação, um de seus responsáveis pela sua vida. Não encenou, nesse aspecto, a tragicidade de Édipo. Contudo, como criatura agiu sobre um de seus criadores. Tem reciclado a performance do AIE de Informação, dando-lhes um sentido internacional.

Portanto, não há como desconhecer, porém há que reconhecer o papel de Seleções, como uma peça importante do AIE de Informação. Tem alfabetizado gerações, desde 1922, com o discurso Enocrático, via *fait divers*, a ritualizar a cartilha de ideologia dominante.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Ensaio crítico**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **O óbvio e o obtuso**. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **Aula**. 7ª Ed.. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. **Mitologias**. 9ª-Ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40ª Ed.. São Paulo: Editora Nacional, 1997.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4ª Ed.. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.
- FREUD, Sigmund. **Essais of Psychanalyse**. Paris: Payot, 1963.
- _____. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GHEERBRANT, Ollain e CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 11ª Ed.. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- JUSTO, Henrique e KOLCK, Theodorus van. **O teste da pirâmide das cores**. São Paulo: Vetor, 1976.
- KOUWER, B.F. apud JUSTO, Henrique e KOLCK, Theodorus van. **O teste da pirâmide das cores**. São Paulo: Vetor, 1976.
- LACAN, Jacques. **O seminário - As psicoses**, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- SIEDOW, H. apud JUSTO, Henrique e KOLCK, Theodorus van. **O teste da pirâmide das cores**. São Paulo: Vetor, 1976.
- SOIFER, Raquel. **A criança e a TV - uma visão psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ZEEUW, J. apud JUSTO, Henrique e KOLCK, Theodorus van. **O teste da pirâmide das cores**. São Paulo: Vetor, 1976.
- WILLCOX, Christopher apud DURÁN, Cristina. Editor de 'Seleções' comemora sucesso no Brasil. **Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno 2, s. nº., página 4, 6 de maio de 1999.